

O jornalismo sob cerco: análise do discurso antagonístico de Jair Bolsonaro e a defesa do espaço público democrático (2019–2022)

Journalism under siege: analysis of Jair Bolsonaro's antagonistic discourse and the defense of the democratic public sphere (2019–2022)

Alan Araújo BARBOSA¹

Resumo

Este artigo analisa as estratégias discursivas mobilizadas por Jair Bolsonaro (2019-2022) e seus impactos na relação entre poder político e jornalismo no Brasil. Parte-se da compreensão do discurso político como tecnologia de poder simbólico capaz de produzir adesões, naturalizar exclusões e tensionar instituições democráticas. Examina-se um corpus de pronunciamentos públicos e publicações em redes sociais, por meio de abordagem qualitativa de Análise do Discurso de linha francesa, articulada à análise retórica das categorias *ethos*, *pathos* e *logos*. Os resultados indicam a construção recorrente de um *ethos* combativo, a mobilização do *pathos* por afetos negativos e um *logos* sustentado por simplificações maniqueístas, sistematicamente direcionados contra o jornalismo. Conclui-se que tal estratégia contribuiu para a deslegitimação de uma instituição central de accountability democrática e para a corrosão do consenso social acerca da função crítica da imprensa.

Palavras-chave: Jornalismo e democracia. Discurso político. Poder simbólico. Análise do discurso. Jair Bolsonaro.

Abstract

This article analyzes the discursive strategies mobilized by Jair Bolsonaro (2019-2022) and their impacts on the relationship between political power and journalism in Brazil. It starts from the understanding of political discourse as a technology of symbolic power capable of producing adherence, naturalizing exclusions, and straining democratic institutions. A corpus of public speeches and social media posts is examined through a qualitative approach of French Discourse Analysis, articulated with the rhetorical analysis of the categories *ethos*, *pathos*, and *logos*. The results indicate the recurrent construction of a combative *ethos*, the mobilization of *pathos* through negative affects, and a *logos* sustained by Manichaeian simplifications, systematically directed against journalism. It is concluded that such a strategy contributed to the delegitimization of a central institution of democratic accountability and to the erosion of social consensus regarding the critical function of the press.

Keywords: Journalism and democracy. Political discourse. Symbolic power. Discourse analysis. Jair Bolsonaro.

¹Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Universidade Federal da Bahia (Poscom/UFBA). Bolsista CAPES. E-mail: alanaraujo.br@hotmail.com

Introdução

O discurso político configura-se como uma prática social central na produção de hegemonias, na construção de identidades coletivas e na disputa pelo poder simbólico, exercendo influência decisiva sobre o funcionamento das democracias contemporâneas (Charaudeau, 2006; Bourdieu, 2000). Em um contexto marcado pela intensificação da mediação digital, pela aceleração dos fluxos informacionais e pela fragmentação do espaço público, a análise crítica da retórica empregada por lideranças políticas torna-se fundamental para compreender seus efeitos sobre a coesão social, a legitimidade das instituições e a qualidade do debate democrático. No Brasil recente, o mandato presidencial de Jair Bolsonaro (2019–2022) destacou-se pela mobilização sistemática de um discurso polarizador, caracterizado pela estigmatização de grupos minoritários, pela desqualificação de opositores políticos e por um confronto recorrente com a imprensa, fenômeno que acirrou tensões sociais e impôs desafios significativos à mediação jornalística.

A literatura no campo da comunicação política e da análise do discurso tem apresentado avanços consistentes na compreensão dos mecanismos de persuasão, autoridade e legitimação simbólica nos regimes democráticos. Investigações dedicadas ao populismo, à polarização e ao antagonismo político, contudo, tendem a privilegiar abordagens de caráter macroestrutural, com ênfase em dimensões ideológicas, institucionais e sistêmicas (Mouffe, 2005; Mendonça; Sá, 2020). Tal orientação, embora relevante, evidencia uma insuficiência analítica no que se refere à exploração de dinâmicas microdiscursivas.

Nesse sentido, observa-se a persistência de uma lacuna no desenvolvimento de análises sistemáticas que, a partir de um corpus empiricamente delimitado de enunciados produzidos por um ator político específico, sejam capazes de articular, de modo integrado, as categorias retóricas clássicas do *ethos*, *pathos* e *logos*. Conforme estabelece Aristóteles ([ca. 350 a.C.] 2019, p. 34), “a retórica é a faculdade de observar, em cada caso, o que pode ser adequado para persuadir”, o que implica reconhecer a dimensão situada e estratégica da linguagem.

A retomada contemporânea dessa tríade por autores como Patrick Charaudeau (2006) e Pierre Bourdieu (2000) reforça sua centralidade no exame do discurso político moderno, sobretudo ao evidenciar que a eficácia simbólica da linguagem está

intrinsecamente vinculada às condições sociais de produção e circulação dos enunciados. Desse modo, *ethos*, *pathos* e *logos* configuram-se não apenas como categorias retóricas, mas como operadores analíticos indispensáveis para a compreensão da performatividade discursiva no exercício do poder político.

A relevância desta investigação apresenta-se sob três dimensões complementares. No plano teórico, o artigo contribui para os estudos do discurso político ao articular o modelo semiolinguístico de Charaudeau à sociologia do poder simbólico de Bourdieu, propondo um instrumental analítico integrado para a compreensão da performatividade da linguagem no exercício do poder. No plano social, o estudo busca evidenciar os impactos concretos de uma retórica de hostilidade e desqualificação sobre grupos socialmente vulneráveis e sobre o ecossistema informacional, oferecendo subsídios críticos para o enfrentamento da intolerância e da desinformação. No plano pragmático, a pesquisa reforça o papel do jornalismo como instância de mediação, resistência e produção de sentido em contextos marcados por ataques sistemáticos à sua credibilidade.

Diante desse cenário, este artigo tem como objetivo geral analisar as estratégias discursivas mobilizadas por Jair Bolsonaro, identificando seus mecanismos de polarização e exclusão, bem como examinando seus impactos sobre a relação entre o poder político e o jornalismo no Brasil. Para tanto, definem-se os seguintes objetivos específicos: 1. Aplicar as categorias de *ethos*, *pathos* e *logos* Charaudeau (2006) a um corpus selecionado de discursos de Jair Bolsonaro, com ênfase em enunciados dirigidos a minorias sociais, opositores políticos e à imprensa; 2. Interpretar os padrões discursivos identificados à luz do conceito de poder simbólico Bourdieu (2000), elucidando seus efeitos de sentido e seus potenciais impactos na coesão social e na deslegitimação de instituições democráticas e; 3. Discutir o papel do jornalismo como ator central na mediação e na resistência a essa retórica, considerando os desafios impostos pelo ambiente de desinformação e a importância da alfabetização midiática.

A investigação é orientada pela seguinte questão de pesquisa: De que maneira as estratégias discursivas de Jair Bolsonaro, analisadas a partir da tríade *ethos-pathos-logos*, articularam-se para produzir efeitos de polarização social e de deslegitimação do jornalismo, e quais são as implicações desse processo para a qualidade da democracia brasileira?

Do ponto de vista metodológico, a pesquisa adota uma abordagem qualitativa de Análise do Discurso de linha francesa, operacionalizada por meio do exame sistemático

de um corpus composto por pronunciamentos públicos, entrevistas e publicações em redes sociais do ex-presidente, produzidos entre 2019 e 2022. A análise articula descrição linguística e interpretação sociológica, possibilitando relacionar escolhas retóricas às suas condições de produção e aos seus efeitos sociais.

O artigo está organizado em cinco seções. Após esta introdução, a seção 2 apresenta o referencial teórico-metodológico que fundamenta a investigação. A seção 3 dedica-se à análise empírica do corpus, examinando casos paradigmáticos do discurso bolsonarista e sintetizando os resultados em um quadro analítico. A seção 4 discute os achados à luz da literatura, com ênfase no confronto entre o poder político e a função social do jornalismo no ambiente digital. Por fim, a seção 5 apresenta as conclusões, retomando os objetivos do estudo, sistematizando suas contribuições e apontando reflexões para o fortalecimento de uma esfera pública democrática e plural.

Percurso metodológico

Este estudo adota uma abordagem qualitativa, fundamentada na Análise do Discurso (AD) de linha francesa, com o objetivo de examinar as estratégias retóricas e os efeitos de sentido produzidos por discursos políticos selecionados. A escolha dessa perspectiva metodológica justifica-se por sua capacidade de articular a materialidade linguística aos contextos sociais, históricos e ideológicos de produção do discurso, compreendendo a linguagem não como mero reflexo da realidade, mas como prática constitutiva e produtora de sentidos Orlandi (2012).

O referencial teórico-analítico que orienta a presente investigação ancora-se na tradição da Retórica Clássica, cuja sistematização remonta à obra de Aristóteles ([ca. 350 a.C.] 2019). Para o autor, a persuasão constitui-se a partir de três dimensões fundamentais: *ethos*, *pathos* e *logos*, compreendidos, respectivamente, como a credibilidade e o caráter do orador, a mobilização das emoções do auditório e a estrutura lógico-argumentativa do discurso. Tal formulação inaugura uma abordagem que concebe a linguagem como prática estratégica, situada e orientada para a produção de efeitos de adesão.

No campo contemporâneo da análise do discurso político, esse modelo foi retomado e operacionalizado por Patrick Charaudeau (2006), que propõe sua articulação às condições de produção, circulação e recepção dos enunciados. A perspectiva de Charaudeau desloca a tríade aristotélica para um quadro analítico que considera os

contratos comunicativos e os dispositivos de encenação discursiva próprios das democracias midiáticas, permitindo uma leitura mais situada dos efeitos de sentido.

A partir desse enquadramento, mobilizam-se três categorias operacionais fundamentais. O *ethos* é compreendido como a imagem de si construída discursivamente pelo enunciador, resultante de estratégias de autoapresentação que visam produzir efeitos de credibilidade, autoridade e identificação junto ao público. Trata-se, portanto, de uma construção simbólica que não preexiste ao discurso, mas se constitui na própria enunciação, em articulação com expectativas sociais e posições institucionais.

O *pathos*, por sua vez, refere-se ao conjunto de estratégias discursivas voltadas à mobilização das emoções do auditório, operando por meio de afetos como medo, indignação, esperança ou empatia. Essa dimensão evidencia o papel das disposições afetivas na adesão às mensagens políticas, sobretudo em contextos marcados por disputas simbólicas intensas. Por fim, o *logos* diz respeito à organização interna do discurso em termos argumentativos, envolvendo a seleção de premissas, a construção de encadeamentos lógicos e o uso de evidências que conferem verossimilhança e racionalidade à mensagem. Ainda que frequentemente associado à dimensão da racionalidade, o *logos* não se dissocia das demais categorias, integrando-se ao *ethos* e ao *pathos* na produção global dos efeitos persuasivos.

A constituição do corpus de pesquisa obedeceu a critérios de representatividade discursiva e relevância temática. Foram selecionados discursos oficiais, declarações públicas e publicações em redes sociais do então presidente Jair Bolsonaro, produzidos no período de 2019 a 2022. A seleção priorizou enunciados que: 1. Evidenciassem padrões retóricos recorrentes, tais como polarização discursiva, ataques *ad hominem* e generalizações; 2. Incidissem sobre temas centrais à problemática do estudo, a saber: ataques a minorias sociais (LGBTQIA+, povos indígenas e nordestinos), desqualificação de opositores políticos e, de forma recorrente, ataques a jornalistas e instituições de imprensa e; 3. Apresentassem ampla repercussão midiática e social, assegurando sua relevância no debate público nacional.

A análise dos dados desenvolveu-se em três etapas articuladas. Na primeira, procedeu-se à seleção e organização do corpus, com a identificação e sistematização dos trechos discursivos a partir de eixos temáticos previamente definidos (violência simbólica contra minorias, regionalismo pejorativo e ataques ao jornalismo). Na segunda etapa, realizou-se a descrição e categorização das unidades de análise, mediante a aplicação

sistemática das categorias *ethos*, *pathos* e *logos*. Essa fase envolveu a identificação de recursos linguísticos e discursivos, tais como escolhas lexicais, modalizações, estratégias argumentativas e figuras retóricas. Na terceira etapa, procedeu-se à interpretação e síntese dos resultados, à luz da teoria do poder simbólico, com o intuito de evidenciar os efeitos de sentido produzidos e seus potenciais impactos sociais, como a legitimação de preconceitos e a erosão da confiança na imprensa. Os padrões discursivos identificados foram sintetizados em um quadro analítico (Quadro 1), que sistematiza os mecanismos recorrentes observados no corpus.

Complementarmente, a análise dos discursos é contextualizada por meio de uma revisão bibliográfica sobre o papel do jornalismo em sociedades democráticas (Bucci, 2000; Genro Filho, 2002), bem como sobre os desafios contemporâneos da desinformação e da alfabetização midiática no ambiente digital Frau-Meigs (2017). Essa interlocução teórica permite situar os achados da análise discursiva em um quadro mais amplo de disputas simbólicas no espaço público informacional.

Em síntese, o percurso metodológico adotado articula a precisão da análise linguístico-discursiva à profundidade da interpretação sociológica, oferecendo um instrumental analítico consistente para compreender como o discurso político pode operar como tecnologia de poder, polarização e exclusão social.

O jornalismo sob ataque: discurso polarizador e o desafio da desinformação

A análise do discurso de Jair Bolsonaro evidencia um embate simbólico direto contra a função social do jornalismo. Ao desqualificar sistematicamente a imprensa e enquadrá-la como inimiga política, sua retórica buscou minar a credibilidade do chamado quarto poder e enfraquecer seu papel fiscalizador. Episódios como o ataque pessoal a uma jornalista, referida como “quadrúpede”, ilustram essa estratégia discursiva, voltada à intimidação, à deslegitimação profissional e à produção de um ambiente generalizado de desconfiança em relação à mídia.

Esse ataque não se apresenta de forma isolada, mas se articula a um discurso político marcadamente polarizador que, à luz de Charaudeau (2006), opera como mecanismo de construção de uma realidade social excludente. Por meio da mobilização de um *ethos* autoritário, de *pathos* fundamentados no medo e no ressentimento e de um *logos* frequentemente simplificado ou falacioso, o discurso bolsonarista produziu divisões

simbólicas profundas. Grupos como indígenas, nordestinos, mulheres e a população LGBTQIA+ foram reiteradamente alvos de estereotipação e desumanização, em uma narrativa orientada à consolidação de uma identidade nacional homogênea, que marginaliza a diversidade. Conforme adverte Bourdieu (2000), trata-se do exercício do poder simbólico, capaz de impor uma visão de mundo como legítima e naturalizar hierarquias e exclusões sociais.

Nesse cenário, o ecossistema digital assume papel ambíguo. Ao mesmo tempo em que amplia possibilidades de participação e circulação de vozes, atua como vetor acelerador da desinformação e da formação de bolhas ideológicas, nas quais discursos de ódio e narrativas distorcidas encontram terreno fértil. Episódios como os ataques às sedes dos Poderes em 8 de janeiro de 2023 evidenciam como a desinformação disseminada no ambiente digital pode transbordar para ações concretas de violência contra instituições democráticas.

Diante desse duplo desafio o ataque discursivo direto à imprensa e a disseminação massiva de desinformação, o jornalismo vê seu papel simultaneamente tensionado e reafirmado. Conforme argumentam Bucci (2000) e Genro Filho (2002), sua função contemporânea ultrapassa a mera transmissão de informações, exigindo o enfrentamento ativo de narrativas falsas, a contextualização de discursos de ódio e a promoção de um debate público ancorado em fatos, pluralidade e responsabilidade ética. O jornalismo reafirma-se, assim, como instância de mediação social e contraponto indispensável a projetos autoritários.

No contexto de intensificação dos ataques à imprensa, a reflexão de Michael Schudson (2008) oferece um aporte teórico fundamental para compreender a função estrutural do jornalismo nas democracias contemporâneas. Conforme argumenta o autor, “algumas das características do jornalismo mais desacreditadas por críticos e acadêmicos são, na verdade, indispensáveis para o funcionamento adequado da democracia” (Schudson, 2008, p. 7, tradução nossa). Tal formulação desloca a análise do jornalismo de uma perspectiva normativa idealizada para uma compreensão de suas práticas concretas, contraditórias e tensionadas.

Ancorado na tradição de Alexis de Tocqueville (2005), Schudson (2008), sustenta que a imprensa não se legitima por sua capacidade de produzir consenso ou agradar ao público, mas por sua função de vigilância crítica e contenção dos abusos de poder. Nessa perspectiva, a imprensa é “indispensável, mas não amável”, precisamente porque sua

atuação incide sobre zonas de opacidade e conflito, desestabilizando narrativas oficiais e expondo contradições do campo político. Desse modo, o jornalismo exerce sua função democrática mais essencial justamente quando se afasta dos ideais normativos de profundidade analítica, equilíbrio e ponderação frequentemente mobilizados como parâmetros de qualidade. A centralidade conferida a acontecimentos imprevistos, a ênfase nos conflitos e até mesmo a recorrência a estratégias associadas ao sensacionalismo configuram-se, nesse enquadramento, não como desvios, mas como condições operacionais de sua eficácia democrática. Ao escapar ao controle das fontes institucionais, tais práticas ampliam a capacidade do jornalismo de produzir visibilidade e, conseqüentemente, de promover *accountability*.

Essa abordagem permite compreender que o desconforto provocado pela atuação jornalística, frequentemente mobilizado como argumento para sua deslegitimação, constitui, na realidade, um dos elementos centrais de sua função democrática. Assim, os ataques à imprensa podem ser interpretados como tentativas de neutralizar um dispositivo fundamental de controle simbólico do poder, reforçando a hipótese de que o jornalismo, ao incomodar, cumpre precisamente o papel que dele se espera em regimes democráticos.

Essa compreensão da função estrutural do jornalismo articula-se diretamente à fundamentação normativa da comunicação democrática proposta por Karin Wahl-Jorgensen (2008), que destaca a centralidade do pensamento de Seyla Benhabib (1996), amplamente reconhecida por seu engajamento com as noções de esfera pública e espaço público. Nesse quadro, o conceito de esfera pública formulado por Jürgen Habermas e posteriormente revisitado por Benhabib (1996) permanece estruturante para a análise do papel do jornalismo nas democracias contemporâneas. Ao incorporar dimensões como pluralismo, inclusão e dignidade, essa abordagem desloca a ideia de deliberação para um campo marcado por tensões, desigualdades e disputas por reconhecimento.

Nessa perspectiva, o jornalismo é compreendido não apenas como instância de mediação informacional, mas como dispositivo central na configuração das condições discursivas de participação democrática, atuando na produção de visibilidade, na legitimação de vozes e na delimitação dos contornos do debate público. A articulação entre esfera pública, deliberação e dignidade evidencia, portanto, que a democracia não se sustenta exclusivamente em procedimentos institucionais, mas depende de uma ecologia comunicativa inclusiva, capaz de assegurar condições equitativas de participação. Assim, a contribuição de Wahl-Jorgensen (2008) oferece um contraponto

normativo fundamental às práticas discursivas de exclusão e deslegitimação, ao mesmo tempo em que reforça, em diálogo com Schudson (2008), a tese de que o jornalismo, ao tensionar o poder e conferir visibilidade aos conflitos sociais, desempenha uma função democrática insubstituível.

Essa tarefa, contudo, pressupõe uma sociedade capaz de interpretar criticamente os fluxos informacionais. Nesse sentido, a alfabetização midiática e informacional emerge como dimensão complementar e necessária. Capacitar cidadãos para avaliar fontes, reconhecer estratégias de manipulação discursiva e compreender a lógica das plataformas digitais Frau-Meigs (2017) torna-se condição central para o fortalecimento da resiliência democrática. Trata-se de fomentar não apenas o consumo, mas a crítica ativa e a exigência social por um jornalismo de qualidade.

Em síntese, a análise demonstra que o discurso bolsonarista buscou corroer os alicerces do jornalismo e do convívio democrático por meio da polarização e da deslegitimação institucional. A resposta a esse processo reside no fortalecimento do jornalismo ético e investigativo, articulado à formação crítica da sociedade binômio fundamental para a preservação de um espaço público plural e democrático.

Violência simbólica no discurso: análise de casos paradigmáticos

Conforme Charaudeau (2006), o discurso político configura-se como um ato social situado, no qual o enunciador mobiliza estrategicamente *ethos* (imagem de si), *pathos* (emoções suscitadas no destinatário) e *logos* (argumentação) com finalidade persuasiva. A aplicação desse modelo aos discursos de Jair Bolsonaro revela um padrão recorrente de violência simbólica, orientado tanto à exclusão de grupos sociais específicos quanto à deslegitimação de instituições fundamentais à democracia, com destaque para o jornalismo.

Para evidenciar a operacionalização desse mecanismo discursivo, analisam-se três enunciados paradigmáticos. No primeiro, referente à orientação sexual e identidade de gênero “O filho começa a ficar assim meio gayzinho, leva um coro, ele muda o comportamento dele” constrói-se um *ethos* associado à defesa de uma masculinidade tradicional e de valores morais normativos. O *pathos* mobiliza o medo da ruptura desses valores, enquanto o *logos* reduz a diversidade sexual a um desvio passível de correção

pela violência. O efeito discursivo consiste na legitimação da homofobia e da violência simbólica e potencialmente física contra a população LGBTQIA+.

No segundo enunciado, relativo à identidade regional “Está cheio de pau de arara aqui e não sabem em que cidade fica Padre Cícero?” o *ethos* projeta uma posição de superioridade cultural e intelectual. O *pathos* opera por meio do ridículo e do desprezo, enquanto o *logos* sustenta-se em estereótipos regionais falaciosos. O impacto discursivo manifesta-se na reprodução do preconceito contra a população nordestina e na fragmentação simbólica da identidade nacional.

Por fim, no ataque dirigido ao jornalismo “Ela é uma quadrúpede”, em referência a uma jornalista o *ethos* autoriza a desqualificação pública do interlocutor; o *pathos* produz humilhação e intimidação; e o *logos* é praticamente inexistente, caracterizando um ataque *ad hominem*. O efeito discursivo consiste na produção de um ambiente hostil à imprensa, enfraquecendo seu papel fiscalizador e expondo profissionais, sobretudo mulheres, à violência simbólica.

Esses exemplos ilustram a atuação do discurso bolsonarista como instrumento de poder simbólico (Bourdieu, 2000). A articulação entre *ethos* autoritário, *pathos* ancorado no medo e no desprezo e um *logos* frequentemente falacioso sustenta a construção de uma dicotomia “nós versus eles”, mobilizando apoio político por meio da identificação de inimigos internos e da marginalização de dissidentes, minorias e da imprensa.

A análise de um corpus mais amplo confirma a recorrência desse padrão discursivo em diferentes eixos temáticos gênero, regionalismo, religião e política conforme sintetizado no Quadro 1, que consolida os principais mecanismos e impactos identificados.

Quadro 1 – Análise discursiva de falas de Jair Bolsonaro à luz das categorias de Charaudeau

Discurso (exemplo)	Ethos	Pathos	Logos	Impacto social principal
“A penalidade se você ofender uma pessoa, dar uma facada, dar um tiro só porque é gay, tem que ser agravada a pena dessa pessoa e ponto final...” Fonte: G1, 13 jun. 2019.	Defensor de valores tradicionais e da masculinidade e normativa	Medo da “perda de valores”; estigmatização	Simplificação moralista; legitimação da violência	Naturalização da homofobia e exclusão da população LGBTQIA+
“Está cheio de pau de arara aqui...” Fonte: Folha de	Superioridade cultural	Ridicularização e desprezo regional	Falácia baseada em estereótipos	Reforço do preconceito regional e

<i>S.Paulo, 4 de fev. de 2022</i>				divisões nacionais
“Ela é uma quadrúpede.” <i>Fonte: Poder360, 2 de jun. de 2021</i>	Autoridade que desqualifica	Humilhação e intimidação	Ataque <i>ad hominem</i>	Hostilização do jornalismo e da liberdade de imprensa
“Esses estados do Nordeste estão há 20 anos governados pelo PT...” <i>Fonte: UOL, 6 de out. de 2022</i>	Portador da “verdade” política	Indignação e ressentimento	Generalização falaciosa	Estigmatização regional e polarização política
“Somos uma pátria majoritariamente cristã...” <i>Fonte: Poder360, 7 de set. de 2022</i>	Guardião da moral tradicional	Medo de mudanças sociais	Redução de debates complexos	Exclusão da pluralidade e restrição de direitos
“Seu lugar é no lixo!” <i>Fonte: Folha de S.Paulo, 20 nov. 2020.</i>	Protetor da ordem nacional	Raiva e desqualificação do opositor	Retórica de exclusão	Criminalização do dissenso político

Fonte: Elaborado pelo autor com base na análise do corpus (2024)².

Análise de discursos paradigmáticos e síntese dos efeitos

A aplicação das categorias analíticas propostas por Charaudeau (2006), aos discursos de Jair Bolsonaro evidencia a recorrência de uma estratégia discursiva orientada à polarização, à estigmatização e à exclusão simbólica. Para demonstrar esse funcionamento, destacam-se três enunciados paradigmáticos, selecionados por sua capacidade de condensar os mecanismos discursivos predominantes no corpus analisado.

A declaração “Está cheio de pau de arara aqui e não sabem em que cidade fica Padre Cícero?” constrói um ethos de superioridade cultural e cognitiva, sustentado por um pathos de ridicularização e desprezo dirigido à população nordestina. O logos mobilizado é falacioso, pois generaliza e estigmatiza sem base argumentativa consistente. O efeito de sentido produzido é a desqualificação simbólica de uma região inteira, reforçando clivagens históricas e desigualdades regionais no imaginário social.

De modo semelhante, o enunciado “O filho começa a ficar assim meio gayzinho, leva um coro, ele muda o comportamento dele” projeta um ethos de defensor de valores tradicionais e de uma masculinidade normativa. O pathos opera pela mobilização do medo da ruptura desses valores, enquanto o logos reduz a complexidade das identidades de gênero e sexualidade a uma lógica de correção violenta. O sentido resultante legitima

² Nota: Todas as falas apresentadas na primeira coluna foram proferidas por Jair Bolsonaro durante seu mandato presidencial (2019-2022).

práticas homofóbicas e naturaliza a violência simbólica e potencialmente física contra a população LGBTQIA+.

Por fim, a afirmação “Ela é uma quadrúpede”, direcionada a uma jornalista, configura um ethos autoritário e agressivo, que busca deslegitimar a interlocutora por meio da desumanização. O pathos se ancora na humilhação pública e no escárnio, enquanto o logos inexistente, caracterizando-se como um ataque *ad hominem*. O efeito discursivo central é a desqualificação do exercício profissional do jornalismo e a produção de um ambiente discursivo hostil à liberdade de imprensa.

Em conjunto, esses discursos operam uma lógica maniqueísta que opõe um “nós” associado ao grupo idealizado pelo enunciador a um “eles”, construído como alvo do desprezo, da ridicularização ou da ameaça moral. O ethos de autoridade e enfrentamento, aliado a um pathos baseado no medo, no ressentimento ou no desdém, sustenta um logos frequentemente frágil ou falacioso, mas eficaz na mobilização emocional de uma base de apoio. Conforme argumenta Charaudeau (2006), o discurso constitui uma forma de ação social capaz de reorganizar relações de poder. No caso analisado, o discurso bolsonarista opera como instrumento de poder simbólico que reforça estigmas, naturaliza processos de exclusão e fragiliza o debate democrático.

Com o objetivo de sintetizar a análise do corpus mais amplo, o Quadro 1 consolida a aplicação do modelo teórico às principais falas examinadas, permitindo visualizar os padrões discursivos recorrentes e seus efeitos sociais e políticos.

A matriz analítica evidencia que a retórica bolsonarista, ao articular sistematicamente um ethos de autoridade diante de ameaças construídas discursivamente, mobilizar um pathos de medo e desprezo e sustentar-se em um logos simplificado, opera como um mecanismo eficaz de poder simbólico. Seus efeitos extrapolam o campo estritamente político, contribuindo para a radicalização do espaço público, a deslegitimação de instituições democráticas em especial a imprensa e a naturalização da exclusão de grupos historicamente marginalizados. Tal dinâmica corrobora a perspectiva de Bourdieu (2000) acerca do poder simbólico da linguagem na constituição da realidade social, aqui mobilizado na tentativa de impor uma visão homogênea, hierarquizada e excludente de nação.

A análise do corpus permitiu consolidar os resultados em torno de três eixos analíticos interdependentes, os quais sintetizam os principais mecanismos discursivos identificados e seus efeitos sociais e políticos. Esses eixos, apresentados de forma

integrada no Quadro 1, condensam os achados centrais da investigação, substituindo a descrição extensa das ocorrências individuais por uma sistematização direta e teoricamente orientada.

Quadro 2 – Síntese teórico-analítica dos discursos de Jair Bolsonaro

Aspecto teórico	Expressão no discurso analisado	Resultado / impacto identificado
<i>Discurso como ato social e instrumento de poder (Charaudeau, 2006; Bourdieu, 2000)</i>	Mobilização estratégica de um <i>ethos</i> autoritário, de <i>pathos</i> ancorados no medo e no desprezo e de um <i>logos</i> simplificado ou falacioso, voltado à construção de uma identidade nacional homogênea e excludente.	Fortalecimento do poder simbólico do enunciador; intensificação da polarização social por meio da dicotomia “nós” (grupo idealizado) versus “eles” (minorias, opositores e imprensa).
<i>Violência simbólica e processos de exclusão social</i>	Narrativas que estigmatizam nordestinos, indígenas, mulheres, a população LGBTQIA+ e que desqualificam opositores políticos e profissionais do jornalismo.	Legitimação de preconceitos e discriminações; produção de um ambiente discursivo hostil, fragilizando a coesão social e os fundamentos do convívio democrático.
<i>Jornalismo como contraponto ético e democrático (Bucci, 2000)</i>	Estratégia recorrente de ataque à imprensa, visando deslegitimar seu papel fiscalizador e mediador do debate público.	Erosão da confiança em instituições democráticas; simultaneamente, reafirmação da centralidade do jornalismo como instância de accountability, pluralidade e resistência democrática.

Fonte: Elaborado pelo autor com base na análise do corpus (2024).

Os resultados demonstram que o discurso bolsonarista operou como um instrumento de mobilização política sustentado pela exclusão simbólica. Em vez de atuar como mediação de conflitos próprios da arena democrática, esse discurso contribuiu para o seu acirramento, ao consolidar uma base de apoio por meio da construção de inimigos internos e da promessa de uma ordem social moralmente “purificada”. Tal dinâmica exemplifica de modo preciso o funcionamento do poder simbólico, conforme descrito por Bourdieu (2000), no qual a linguagem não se limita a representar a realidade social, mas atua na sua instituição, naturalizando hierarquias, desigualdades e processos de exclusão.

Considerações finais

A análise dos discursos de Jair Bolsonaro, fundamentada nas contribuições teóricas de Patrick Charaudeau e Pierre Bourdieu, confirma que o discurso político

constitui um poderoso mecanismo de construção social e de exercício de poder simbólico. Longe de se apresentar como neutro ou meramente informativo, ele atua ativamente na produção de identidades, na legitimação de hierarquias e divisões sociais e na promoção de determinados valores, simultaneamente à exclusão e desqualificação de outros.

Os resultados evidenciam que a retórica bolsonarista operou de modo sistemático por meio da articulação entre um *ethos* autoritário, *pathos* mobilizados pelo medo e pelo desprezo, e um *logos* frequentemente simplificado ou falacioso. Essa combinação discursiva mostrou-se central para a construção da dicotomia “nós versus eles”, intensificando a polarização do debate público, estigmatizando grupos minoritários como indígenas, nordestinos e a população LGBTQIA+, atacando opositores políticos e buscando deslegitimar a imprensa. À luz de Bourdieu, tais práticas discursivas configuram o exercício de um poder simbólico capaz de moldar percepções sociais, naturalizar exclusões e fragilizar tanto a coesão social quanto os fundamentos do diálogo democrático.

Nesse contexto, o jornalismo reafirma seu papel estratégico como instância de contraponto discursivo e mediação social. Sua função de fiscalizar o poder, combater a desinformação e promover narrativas baseadas em evidências e pluralidade revela-se central para a preservação da democracia. Contudo, conforme demonstrado pela análise, o cumprimento dessa missão expõe o campo jornalístico a ataques sistemáticos, exigindo não apenas robustez institucional, mas também um compromisso ético permanente com a responsabilidade social da informação.

O estudo também sublinha a responsabilidade ética inerente ao discurso político, especialmente quando proferido por lideranças públicas. O uso da palavra no espaço público implica o dever de promover o diálogo, o respeito à diversidade e a integração social, em oposição a retóricas de ódio e exclusão que aprofundam fraturas sociais. Nesse sentido, a alfabetização midiática emerge como um imperativo contemporâneo, fundamental para capacitar a sociedade a interpretar criticamente os discursos de poder e a reconhecer estratégias de manipulação simbólica.

Do ponto de vista metodológico, as ferramentas analíticas empregadas com destaque para a matriz baseada nas categorias de Charaudeau demonstram elevada aplicabilidade para a investigação de discursos políticos em distintos contextos. Elas se mostram relevantes tanto para pesquisas no campo da Comunicação e da Análise do

Discurso quanto para a formulação de estratégias educacionais voltadas ao desenvolvimento do pensamento crítico e à defesa dos valores democráticos.

Em síntese, a investigação revela que o discurso de Jair Bolsonaro não constituiu um simples reflexo da polarização social, mas atuou como um instrumento ativo de sua intensificação, produzindo efeitos nocivos à convivência democrática e ao espaço público. Em contrapartida, reafirma-se a centralidade de instituições como o jornalismo e do engajamento crítico da sociedade civil na construção e na defesa de um espaço público plural, inclusivo e efetivamente democrático.

Referências

AGÊNCIA BRASIL. Bolsonaro diz que Brasil ressurgiu com economia mais pujante. Brasília, DF: **Agência Brasil**, 7 set. 2022. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/es/node/1481140>. Acesso em: 23 maio 2024.

ALSINA, Miquel Rodrigo. **A construção da notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009.

ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução de Edson Bini. São Paulo: EDIPRO, 2019.

BENHABIB, Seyla. Toward a deliberative model of democratic legitimacy. In: BENHABIB, Seyla (ed.). **Democracy and difference: contesting the boundaries of the political**. Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1996. p. 67-94.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. 16. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BOURDIEU, Pierre. Champ du pouvoir et division du travail de domination. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, Paris, n. 190, p. 126-139, dez. 2011.

BUCCI, Eugênio. **Sobre ética e imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso político**. Tradução de Fabiana Komesu et al. São Paulo: Contexto, 2006.

COSTA, Caio Túlio. **Ética, jornalismo e nova mídia: uma moral provisória**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

FIORIN, José Luiz. Tendências da análise do discurso. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, n. 19, p. 173-179, jul./dez. 1990. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637115>. Acesso em: 10 mar. 2024.

FOLHA DE S. PAULO. “Está cheio de pau de arara aqui”, diz Bolsonaro em referência a nordestinos. São Paulo: **Folha de S. Paulo**, 4 fev. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/02/esta-cheio-de-pau-de-arara-aqui-diz-bolsonaro-em-referencia-a-nordestinos.shtml>. Acesso em: 7 maio 2024.

FOLHA DE S. PAULO. Bolsonaro ignora morte de Beto Freitas e diz que lugar de quem prega discórdia “é no lixo”. São Paulo: **Folha de S. Paulo**, 20 nov. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/11/bolsonaro-ignora-morte-de-beto-freitas-e-diz-que-quem-prega-discordia-tem-de-ir-para-o-lixo.shtml>. Acesso em: 7 maio 2024.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. Tradução de Salma Tannus Muchail. 10. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FRAU-MEIGS, Divina. Desenvolver o pensamento crítico contra “notícias falsas”. In: **Correio da UNESCO: muitas vozes, um mundo**. Paris: UNESCO, jul./set. 2017. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000260808_por. Acesso em: 10 mar. 2024.

G1. “Estou me lixando para esse pessoal”, diz Bolsonaro sobre movimento gay. **G1 Política**, São Paulo, 13 jun. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2011/03/estou-me-lixando-para-esse-pessoal-diz-bolsonaro-sobre-movimento-gay.html>. Acesso em: 25 jun. 2026.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo**. Porto Alegre: Tchê! 2002.

LISBOA, Sílvia. **Jornalismo e a credibilidade percebida pelo leitor: independência, imparcialidade, objetividade, honestidade e coerência**. 2012. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

MENDONÇA, Ricardo Fabrino; SÁ, Simone R. B. de. Polarização como estratégia discursiva: um estudo sobre a campanha eleitoral brasileira de 2018. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 54, n. 4, p. 1056-1077, jul./ago. 2020.

MORETZSOHN, Sylvia. **Jornalismo em tempo real: o fetiche da velocidade**. Rio de Janeiro: Revan, 2002.

MOUFFE, Chantal. **On the political**. London: Routledge, 2005.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 12. ed. Campinas: Pontes, 2015.

PODER360. Bolsonaro chama jornalista da CNN Brasil de “quadrúpede”. **Poder360**. Brasília, DF, 2 jun. 2021. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/bolsonaro-chama-jornalista-da-cnn-brasil-de-quadrupede/>. Acesso em: 7 jun. 2024.

PORTO, Mauro P. Muito além da informação: mídia, cidadania e o dilema democrático. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 78-89, abr./jun. 1998.

SCHUDSON, Michael. **Why democracies need an unlovable press**. Cambridge: Polity Press, 2008.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Tradução de Wagner de Oliveira Brandão. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

TOCQUEVILLE, Alexis de. **A democracia na América**. Tradução de Eduardo Brandão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

UOL. Nordeste não está sendo governado pelo PT há 20 anos, como disse Bolsonaro. São Paulo: **UOL**, 6 out. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/confere/ultimas-noticias/2022/10/06/nordeste-nao-esta-sendo-governado-pelo-pt-ha-20-anos-como-disse-bolsonaro.htm>. Acesso em: 7 jun. 2024.

VEJA. Bolsonaro faz discurso de campanha e ataca corrupção do PT. São Paulo: **Veja**, 7 set. 2022. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/bolsonaro-faz-discurso-de-campanha-e-ataca-corrupcao-do-pt/>. Acesso em: 18 maio 2024.

WAHL-JORGENSEN, Karin. Theory review: on the public sphere, deliberation, journalism and dignity. **Journalism Studies**, London, v. 9, n. 6, p. 962-970, 2008.